

(À Marta Catunda, *in memoriam*)

Editorial: Dos transbordamentos e das potências da alegria

A alegria e a felicidade, diria Baruch de Spinoza lá nos idos do século XVII, não podem ser consideradas como recompensas da virtude, mas a própria virtude em si. Virtude que, para o pensador luso-holandês, está muito mais relacionada ao desenvolvimento das próprias potencialidades do ser, no que diz respeito ao poder de agir perante o cosmos, do que necessariamente uma resignação obediente às próprias determinações impostas pelo mundo. O fato de se estar feliz com aquilo que a própria potência ativamente foi capaz de produzir e realizar, é o devido desenrolar de um processo de minucioso, dedicado e ininterrupto esforço do cuidado e da atenção do ser, consigo próprio e com o universo.

É nesse sentido com o qual anunciamos este número especial de estreia de *SKHOLÉ: Revista de Educação, Cultura e Subjetividade*. Com uma dose de incontida e transbordante felicidade, a partir de um trabalho iniciado há cerca de três anos e meio, cuja criação só foi possível graças às valorosas contribuições e incentivos dados a esse nascente periódico, pela reitoria e diretoria da Universidade Ibirapuera, por companheiros de colegiados de outros programas de pós-graduação dessa mesma instituição, por colegas (amigas e amigos de longa data) de outras instituições, e pelas próprias professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIB, ao qual esta revista está vinculada.

Devido à pandemia de Sars-Covid-2 que assolou o mundo nos últimos dois anos e meio, houve uma série de situações que nos impediram de inaugurar esse periódico, que vem à tona como uma lufada de ar fresco, que busca se somar a outros respiros criados nas boas associações e alinhamentos realizados em sua construção.

SKHOLÉ (*σχολή*), palavra grega que, se ao pé da letra, ao português, pode ser traduzida para escola (do latim, *schola*), também, e pensando com Bordieu lá

nas primeiras linhas de “Meditações Pascalinas”, ser sugerida como “ócio”, ou “tempo livre”. Ou seja, o momento de deslocamento de mundo, sem as emergências desse, para pensá-lo ele próprio. *SKHOLÉ*, como nome de revista, sugerida para entender a educação e a escola para além das urgências negadoras do ócio (neg-ócio) do mundo contemporâneo, mas para pensá-las como capazes de apreender a si próprias. Movimento que, aliás, mostra-se cada vez mais imprescindível e necessário perante a própria e crescente banalização dos processos educativos, devido à brutal mercantilização e malévola superficialização de tudo aquilo ao redor do que pode ser considerado o campo da educação.

Criada no âmbito de um curso de Mestrado em Educação em interface com a Psicanálise e a Subjetividade, *SKHOLÉ: Revista de Educação, Cultura e Subjetividade*, de modo algum se propõe a pensar e discutir a educação única e exclusivamente a partir da noção de cultura e subjetividade desenvolvidas pela psicanálise, mas tem como um dos seus principais escopos justamente a discussão promovida por essa vertente do pensamento desenvolvida nos últimos 100 anos. E, apesar do espaço especial dedicado à psicanálise, esse periódico se abre à discussão sobre educação, cultura e subjetividade desenvolvida pelos outros campos da educação, contributivas e tributárias, reciprocamente, ao que os estudos em psicanálise e subjetividade vêm desenvolvendo: Filosofia da Educação, Sociologia da Educação, História da Educação, Cultura e Cotidiano Escolar, Espaço Escolar, Políticas Educacionais, Formação de Professores e Educação Inclusiva, entre outras áreas ao redor do campo educacional.

Os quatro últimos campos, aliás, que são os principais motes dos estudos desenvolvidos pelo programa de Pós-Graduação em Educação, Psicanálise e Subjetividade da Universidade Ibirapuera, que também serão protagonistas das pesquisas, análises e debates desenvolvidos por esta revista, planejada, de início, para ter duas edições anuais. Uma edição de verão, lançada em dezembro, e uma edição de inverno, lançada em junho, justamente para aproveitar os longos

dias e noites dos devidos solstícios, dias milenares de festa, saudação e contemplação.

SKHOLÉ: Revista de Educação, Cultura e Subjetividade estará aberta às propostas de dossiês temáticos que se enquadrem em seu escopo, além de artigos de demanda contínua, ensaios teóricos, entrevistas com pensadores e pensadoras de larga contribuição à educação no país e no mundo, resenhas de livros lançados há menos de três anos, e resumos de dissertações e teses defendidas no âmbito do programa. Entre os e as colegas que estão contribuindo, tanto como parte do Conselho Consultivo, quanto do corpo de pareceristas, estão amigos e amigas de instituições de todo o Brasil, além de importantes educadores e pensadores de universidades europeias e latino-americanas.

Este número especial foi construído não somente graças ao interesse das pesquisadoras e pesquisadores em abrir mais um canal de divulgação de suas pesquisas e contribuições teóricas, mas das potentes amizades, cujo objetivo é fortalecer as conexões, redes e entrelaçamentos que permitam que seus pensamentos e ações em prol da educação e da ciência não sejam somente uma atividade profissional, mas uma prática potencializadora de formas de existência muito mais criativas, alegres e colaborativas. Afinal de contas, e pensando com Paulo Freire, o conhecimento é uma ação coletiva, que não precisa ser única e exclusivamente sisuda e tensa.

E todas essas amizades estão presentes neste número de estreia de SKHOLÉ.

A primeira delas, no texto que abre a revista, é a contribuição do professor Christian Reutlinger, do Instituto de Trabalho Social e Espaços da OST (Universidade de Ciências Aplicadas da Suíça Oriental), Campus St. Gallen, que traz o texto “El Espacio Público: ¿Problema?” que realiza uma discussão ao redor do espaço público como foco de interesse para diversos atores sociais, políticos e educativos, e os consequentes conflitos que envolvem esses debates.

A segunda contribuição é das/os colegas da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense Shaula Maíra Vicentini de Sampaio, Laís de

Paula Pereira, Ana Paula Pereira e Daniel Ganzarolli Martins, intitulada “Pensar com as luzes menores dos vagalumes sobre a produção/dissolução de verdades no ensino de ciências”, que sugere a construção de um pensamento, na educação, ao redor das ciências menores, capazes de viabilizar interlocuções entre as mais diferentes narrativas.

Em seguida, vem o ensaio de Alda Regina Tognini Romaguera, professora e pesquisadora colaboradora do Grupo OLHO (FE-UNICAMP) e convidada do Doutorado em Educação, Arte e Cultura da UABJO-México, intitulado “Persona(em via)gem”, onde desenrola uma série de percursos, a partir das dos diálogos e encontros com o pensamento de Deleuze, em conexão com a vida, a arte e a educação.

Na sequência, o artigo “O brinquedo e o brincar nos tempos que correm” de Paula Fontana Fonseca, professora e pesquisadora da Linha Formação de Professores, Educação Inclusiva e Subjetividade, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Ibirapuera, no qual ela realiza uma reflexão sobre o brinquedo e o brincar, a partir dos encontros e enlaces entre a educação e a psicanálise.

Fechando a sessão de artigos, a contribuição da Professora Doutora Marta Catunda, da rede pública paulista em educação, escrito na parceria com a psicóloga Laura de Aro, intitulado “Vozes do cotidiano escolar: inflexões narrativas dos fazeres e vizinhança de uma pesquisa em educação”, traz uma narrativa de encontros em pesquisa, ao redor do trabalho desenvolvido por um tradicional programa de pós-graduação em educação, no interior paulista. O texto dialoga diretamente com o campo do cotidiano escolar e das perspectivas ecologistas em educação.

Na sessão de entrevistas, apresentamos uma longa e potente conversa com o professor Marcos Reigota, realizada pela professora Marta Catunda. Marcos Reigota foi professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, e um dos maiores expoentes dos campos da educação ambiental e dos estudos no cotidiano escolar no Brasil. A entrevista

destacou os trabalhos realizados justamente ao redor dos dois temas, do âmbito da referida instituição. Conversa intitulada “Depois da chuva, o sol se pôs: entrevista com Marcos Reigota”.

Aliás, é necessário que registremos que a educadora e artista Marta Catunda, que era pesquisadora pós-doutoranda do programa de Pós-Graduação da Universidade de Sorocaba, nos deixou no início de agosto de 2021, e que seus textos estão aqui sendo publicados sob a autorização de seus familiares, que nos foram amplamente atenciosos quanto à permissão de divulgar sua obra. Portanto, essa 1ª edição é em homenagem à sua memória, e inspirada pelos pássaros e árvores a quem ela tanto amava.

Por fim, a revista apresenta, em sua sessão de resenhas, a leitura feita pelo professor e psicanalista Davi Fernandes Costa, mestrando em Educação pela Universidade Ibirapuera, ao redor do livro “Práticas Pedagógicas em Imagens e Narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje”, escrito pela renomada professora e pesquisadora Nilda Alves, da UERJ, e publicado pela Editora Cortez.

Já estamos recebendo novos artigos para a próxima edição – lembrando que a revista é semestral – além de propostas para a construção de dossiês temáticos que abriguem o escopo da revista.

À todas amigas e amigos que alegremente contribuíram com essa primeira edição de *SKHOLÉ*, nossos imensos agradecimentos. Esperemos que nosso periódico tenha uma vida longa e intensa, e que seus trabalhos aqui sejam ressonantes por muito tempo.

Às colegas professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores que aceitaram o desafio de fazer parte do Conselho Consultivo e do corpo de pareceristas, faremos o máximo para a aposta que vocês fizeram seja bem-sucedida e próspera.

Às leitoras e leitores, esperamos que apreciem as leituras, e que os ensaios, artigos, entrevista e resenha aqui presentes lhes sejam ao mesmo tempo prazerosos e contribuintes às suas pesquisas e leituras de mundo.

À Universidade Ibirapuera, nossos mais imensos agradecimentos, pelo apoio institucional e estrutural, tanto a essa nascente revista, quanto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, que nos seus quase quatro anos de existência, já titulou dezenas de mestrandas e mestrandos, contando atualmente com cerca de sessenta alunas e alunos pesquisadoras/es, 12 professoras(es) doutoras(es) orientando estes trabalhos, e outras dezenas de dissertações em vias de serem qualificadas e defendidas no momento em que essa revista está sendo publicada. Além, claro, das inúmeras conexões e redes estabelecidas com dezenas de outras instituições universitárias ao redor do Brasil e do mundo. Esperamos que esse número seja o primeiro de muitos, assim como essa revista seja apenas a primeira de outras que possamos publicar e criar.

Por ser tudo aquilo sobre o que tivemos a potência de agir, esta publicação, neste momento, é somente alegria. Que a *SKHOLÉ: Revista de Educação, Cultura e Subjetividade* tenha longos e festivos anos.

Nossos agradecimentos, e boa leitura!

O Editor.